

## 10. “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”

“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27, 46; Sl 21, 2).

Mesmo com esse grito, Jesus revelou, de fato, o que faz renascer a esperança, o que a faz surgir das profundezas de todo possível desespero. Chamar o Pai, chamar Deus: desse grito a esperança renasce, aliás: esse grito é o renascimento da esperança, ele enche de esperança o abismo do desespero.

Como deve ser interpretado o grito de desespero de Jesus crucificado, nós o entendemos a partir de suas outras palavras na cruz, sobretudo aquela em que, segundo o evangelho de Lucas, Jesus cita um outro salmo: “Era quase à hora sexta e em toda a terra houve trevas até a hora nona. Escureceu-se o sol e o véu do templo rasgou-se pelo meio. Jesus deu então um grande brado e disse: ‘Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito’. E, dizendo isso, expirou” (Lc 23, 44-46; Sl 30, 6).

Confiar-se assim ao Pai é a expressão de uma esperança maior do que a vida e a morte. Significa ter esperança total no Pai, a esperança de que toda a própria pessoa, mesmo morrendo na cruz, não se perde, não termina no nada, porque o horizonte verdadeiro e real de tudo é o Pai, não é a vida, não é o mundo, mas somente o Pai. No último suspiro que sai do corpo martirizado de Jesus, toda a sua pessoa é entregue, confiada, às mãos do Pai.

Como é possível colocar o espírito, a alma, nas mãos de alguém? As mãos humanas podem segurar tudo, mas não um espírito, não um respiro. Mas as mãos do Pai, das quais fala Jesus, são a imagem simbólica de um abraço. Jesus se confia ao Pai que o abraça, que o mantém junto a si, assim como o pai da parábola sustém o filho que retorna a ele depois de ter se perdido em um país distante (cf. Lc 15, 20). As mãos do Pai são, portanto, uma imagem simbólica do amor do Pai, do amor que, para Jesus e para nós, é a casa da alma, a morada onde nosso espírito encontra acolhimento. Morrendo na cruz dessa maneira, Jesus nos dá a oportunidade de viver tanto nossas vidas quanto cada motivo de desespero, como o pecado e a morte, com essa esperança invencível no abraço do Pai.

“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” Esse grito aparentemente desesperado de Jesus crucificado, reportado por Mateus (27, 46) e Marcos (15, 33), deve, portanto, ser interpretado com o último grito reportado por Lucas: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23, 46).

Mas Lucas reporta outras duas palavras de Jesus que, penso eu, devam ser ouvidas para que se possa entender como Jesus afrontou o desespero humano que tomou sobre si durante a paixão e morrendo na cruz. Se no último grito ele expressou a entrega de seu espírito ao Pai, as outras duas palavras exprimem muito mais a entrega ao Pai de nós, pecadores, uma entrega que Jesus como que incluiu na entrega extrema de Si mesmo.

Enquanto o pregam à cruz, Jesus encontra a força e, acima de tudo, o amor para fazer a oração mais misericordiosa já proferida por uma vítima inocente: “Pai, perdoalhes; porque não sabem o que fazem” (Lc 23, 34).

Um pouco mais tarde, depois de ter escutado o diálogo entre os dois ladrões crucificados com ele e, principalmente, o pedido do bom ladrão para que se lembrasse dele quando entrasse em seu Reino, Jesus diz uma outra palavra cheia de misericórdia para todos os pecadores: “Em verdade te digo: hoje estarás comigo no paraíso” (Lc 23, 43).

Com essas duas palavras, Jesus acolhe toda a humanidade pecadora na sua entrega ao Pai, ao colocar nas mãos do Pai o seu espírito. É por isso, ademais, que Ele aceita sofrer e morrer na cruz. Mas é importante que percebamos o quanto essas palavras do Senhor abrem diante de nós, a cada pecador, um espaço de esperança, de esperança de salvação certa, de esperança de vida eterna com Cristo, de vida filial com Ele, de redenção total de toda falta ou fracasso na vida.

Até mesmo os soldados romanos que até então o haviam tanto maltratado, até mesmo os judeus que tinham pedido sua crucificação, ao ouvirem o pedido de Jesus ao Pai para que os perdoasse, se viram como que diante de uma porta aberta que os convidava a entrar com Jesus na casa do Pai, no abraço do Pai. Provavelmente nenhum deles naquele momento pensou nisso, mas talvez depois, ao se lembrarem daqueles acontecimentos, daquelas palavras, arrependendo-se de tanta crueldade, de terem sido bestiais, instrumentos do demônio para maltratar e matar Jesus, que sopro de esperança deve ter sido colocado em seus corações a recordação daquela palavra! “Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem”. Quem sabe o quanto pensou nessa palavra o centurião que, imediatamente após a morte de Jesus, exclamou: “Na verdade, este homem era um justo” (Lc 23, 47). Se ele não tivesse pensado nessa palavra, nesse perdão, nessa entrega que Jesus fez deles ao Pai, talvez ele tivesse se desesperado, teria se matado como Judas.

O mesmo, o bom ladrão: imaginemos que espaço incrível de esperança Jesus abriu diante dele, a ele que estava no fim da vida, e no mais horrível fim que se possa imaginar, quando lhe disse: “Em verdade te digo: hoje estarás comigo no paraíso”. “Hoje, tu estarás comigo na casa do Pai, serás abraçado pelo Pai junto comigo, o teu espírito, a tua alma, a tua vida, hoje estarão nas mãos do Pai como o meu espírito, a minha vida que está eternamente com Ele!”.

Imaginemos com que esperança viveu aquele malfeitor os últimos minutos de sua vida desordenada e malograda. Ele acreditou, teve fé em Jesus, acreditou no amor de Cristo e viveu em total esperança o pouco que lhe restava por viver, e por viver sofrendo terrivelmente na cruz e depois morrendo, quando seus joelhos foram quebrados para que se sufocasse.

Se quisermos entender o que é a esperança, para que ela serve, de que maneira ela muda a vida, devemos pensar no bom ladrão entre o momento em que Jesus lhe promete a vida eterna e o momento da sua morte, quando a esperança na vida eterna, no paraíso, tornou-se uma realidade para ele.

Nós não podemos não desejar para nós mesmos uma vida menos intensa, menos redimida e salva do que a sua. Seria realmente absurdo renunciar a uma vida assim, a uma tal realização de vida. E o Evangelho no-la anuncia, descreve-a para nós, de modo que essa experiência se torne a experiência da nossa vida e, portanto, a esperança da nossa vida.